



metal está presente, há laivos do próprio speed metal, mas também temos uma balada; alguém trazia os riffs ou era em conjunto que tentavam criar a música?

Ricardo: Nós sempre tivemos uma maneira de compor um pouco complicada porque, geralmente, estamos todos juntos a fazer as músicas. É um processo moroso e tem de estar ao agrado de todos. E foi assim que o «Thoughts» apareceu – uma complicação que dava gozo.

Rui: Mal ou bem, todos os elementos dos Ramp tinham uma área de gosto comum, apesar de gostarmos de coisas diferentes. Assim como hoje. A parte mais agressiva, a parte mais rápida, a parte mais melódica, a mais calma, eram partes que vinham do Ricardo, como vinham do Paulo, minha, do Sapo ou do Tó-Zé. O «Thoughts» é talvez o álbum onde se nota mais essa miscelânea de influências e o speed metal está presente. Não vamos negar bandas como os Destruction, os próprios Helloween...

Ricardo: Agent Steel!

Rui: Bandas como essas faziam parte daquilo que era o nosso gosto musical e acabaram por influenciar um pouco esse primeiro registo. Depois, de alguma maneira, acabou por acontecer naturalmente que quase todos os elementos se afastaram um pouco dessa vertente e seguimos um trajecto que nos puxava mais para outro género de orientação musical, que não fazia com que perdêssemos a melodia, mas numa direcção meio diferente. Existem ali coisas que são mágicas. Em termos de riffs, eu tiro o chapéu ao Ricardo e ao Tó-Zé porque ainda hoje acho que a guitarra tem uma mais-valia memorável em termos de musicalidade naquele disco.

Em 1993 sai uma edição do «Thoughts» em CD. Os três temas adicionais já reflectem um outro caminho nos Ramp ou é pura evolução dos seis primeiros?



RAMP 1992

Rui Duarte – voz
 Ricardo Mendonça – guitarra
 António "Tó-Zé" Gomes – guitarra
 João "Sapo" – baixo
 Paulo "Paulinho" Martins – bateria

Gravado no Est. Studio Bluehall em Setembro de 1991

Produção – Ramp

Edição – Polygram

Paulo: É sem dúvida uma evolução. Tanto a nível musical, em termos de composição, como de produção. Há uma diferença notória aí, está mais coesa. Esses três temas acabaram por ser a ponte entre o «Thoughts» e o «Intersection». Acho que é um elo de passagem natural numa banda.

Rui: Esses temas mostram um caminho mais próximo do sentido que nós queríamos. Por já termos gravado antes, tínhamos a noção de como queríamos que as coisas resultassem, o que poderia ou não resultar connosco e o que queríamos da própria sonoridade. Estando sempre à procura de algo melhor do que fizemos no passado, claro que no «Thoughts» ficou muita coisa por acabar. Nesses três temas, além de vincarmos uma característica cada vez mais própria, é exactamente o caminho que estávamos a querer seguir – o que se vem a manifestar no próprio «Intersection». A segunda edição é igualmente um marco mas, a primeira, para mim, acaba por ser mais importante porque é o nascer de tudo.

O nascer de muita coisa também no metal nacional? Pela edição Polygram, consideraram que é um marco para o próprio cenário português mais pesado?

Rui: À parte de eu ser dos Ramp, para mim o «Thoughts» foi um álbum de viragem. Tem um lugar quase cimeiro numa nova época que foi criada. Nós temos de encaixar o disco perante aquilo que é o pré-«Thoughts» e o pós-«Thoughts» e, sendo uma pessoa que conhece minimamente bem o metal em Portugal feito na altura, considero que foi realmente o ponto de partida para uma grande revolução. Em termos de produção, poderá ser um álbum que, ouvindo-o hoje, tem uma série de lacunas, mas ao mesmo tempo foi bastante atrevido. Até à altura, todos os registos discográficos foram caracterizados por enormes concessões, entre elas a linguística, de que os Ramp nunca abriram mão. Além disso, é um disco em que se esbate aquele atraso entre as produções nacionais e as que se faziam lá fora, na altura. Tivemos alguns problemas na gravação, é um facto, mas valeu aos Ramp serem tenazes e quererem levar a sua fórmula avante. Em termos de concertos também acho que o «Thoughts» inaugurou uma nova era, uma vez que veio proporcionar a outras bandas portuguesas poderem tocar mais com grandes nomes estrangeiros e com melhores recepções. O primeiro espectáculo que demos a seguir à edição do álbum foi com os Sepultura em Cascais e penso que aí também foi um abrir de portas.

Ricardo: Deixa-me acrescentar que muito do que conseguimos também foi graças à aposta do Carlos Maria Trindade, que era o A&R da Polygram. Tivemos a sorte de trabalhar com um músico com uma visão diferente, não era meramente administrativa e apostava em coisas em que ele acreditava, independentemente do estilo musical. Nós não o conhecíamos de